

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
DE SE TIRAR O CHAPÉU
1 de Agosto de 2022**

THOSE AWFUL HATS / 1909

Um filme de David Wark Griffith

Realização: David Wark Griffith / Fotografia: G.W. Bitzer. Com: Mack Sennett, John Compson, Linda Arvidson, Robert Harron, Flora Finch.

Produção: American Mutoscope & Biograph / Cópia: 16mm, preto e branco, muda / Duração: 3 minutos.

LE CHAPEAU DE MAX / 1913

Um filme de Max Linder

Realização e Argumento: Max Linder / Com: Max Linder

Produção: Pathé / Cópia: DCP, preto e branco, muda / Duração: 8 minutos

Those Awful Hats e Le Chapeau de Max são apresentados com Un Chapeau De Paille D'Italie ("folha" distribuída em separado).

Com acompanhamento ao piano por Filipe Raposo.

Those Awful Hats é a 13ª ou 14ª realização de Griffith no ano de 1909, (Griffith assinou nesse ano cerca de 150 filmes). Tradicionalmente, críticos e historiadores têm-nos dito que o "primeiro filme realmente significativo" de Griffith é **Pippa Passes** (realizado em Julho desse ano), sendo o mais conhecido **A Corner in Wheat**. A fazer fé em tais opiniões, obras como **Those Awful Hats**, da primeira metade de 1909, seriam ainda "insignificativas". Jean Mitry diz mesmo "é um erro acreditar que logo nos primeiros filmes, Griffith conseguiu dar um salto em frente que o levou a imediatamente ultrapassar os seus confrades. Nessa época (1908 - 1909), tanto Stuart Blackton, Van Dyke Brook ou George D. Baker na Vitagraph, como Frank Boggs ou Colin Campbel na Selig podem-lhe pedir meças e muitos dos filmes destes são bastantes melhores que os dele".

Mais recentemente, e à medida que o trabalho dos últimos anos permitiu recuperar grande parte dessas obras como dos contemporâneos citados, esse juízo global tem sido revisto. E, no caso desta obra, não há muitas surpresas. Griffith pratica ainda a "unidade do ponto de vista": o écran, como o palco do teatro, dividindo dois mundos diferentes. Limitemo-nos a notar que se trata duma das raras incursões do Autor no mundo do cómico (embora seja exagerado dizer-se que esse humor é "anárquico e quase surrealista" como alguns apologetas tem sustentado); a presença (no papel do espectador mais animado) do famoso Mack Sennett e a sugestão duma nota da época de que os proprietários das salas deviam projectar este filme em vez do "slide", com o aviso "Pede-se às senhoras que tirem os chapéus". E vale a pena, também, chamar a atenção para a maestria conseguida nos movimentos dos actores no palco e para o aproveitamento das possibilidades do

cinema no campo do ilusionismo (neste aspecto, talvez este filme prove, como pretendem certos exegetas, que a dívida de Griffith em relação a Méliès é maior do que normalmente se supõe).

João Bénard da Costa

(texto adaptado de “folha” escrita no âmbito do ciclo Griffith realizado pela Cinemateca em 1980).

Le Chapeau de Max é de 1913, feito em pleno apogeu da popularidade de Max Linder, que já há quase dez anos (trata-se realmente de um “pioneiro”) vinha desenvolvendo uma persona e um estilo cómicos, cuja influência chegou longe (a Chaplin, por exemplo: coincidência ou não, o “protagonista” deste pequeno filme é um dos adereços essenciais na figura de Charlot, o chapéu), e numa prática continuada a um ritmo quase industrial (só neste ano de 1913 Linder estreou uma vintena de pequenos filmes como este) que só se extinguiria, grosso modo, depois da I Guerra Mundial, período em que a popularidade de Linder se desvaneceu (veio a morrer em 1925, com 41 anos). É um filmezinho delicioso, como delicioso é sempre encontrar as raízes da “comédia física”, e do “slapstick”. E a raiz da comédia física e do "slapstick" é, como habitualmente, um pequeno receituário do desastre: quantas coisas podem acontecer a um chapéu, quantas maneiras há de destruir um chapéu?. **Le Chapeau de Max** mostra algumas, num retrato de um mundo perigoso onde tudo – incluindo cães e incluindo gatos, que merecem, no gag com o felino, uns "inserts" a fazerem dessa breve cena uma questão de “timing” de montagem, um “last minute disaster” – conspira na sombra para criar a catástrofe. Rimo-nos do mal, basicamente, e essa também é uma raiz da comédia cinematográfica: uma atracção pela maldade, o gozo de ver pequenos desastres a acontecerem a outros. **Le Chapeau de Max** podia ser usado como prova elementar de que toda a grande comédia se dirige à maldade do espectador. E mais de cem anos depois, continuamos a rir: o cinema mudou muito, a nossa necessidade de rir do mal, essa, mudou pouco.

Luís Miguel Oliveira